



*O Natural e o Nu:  
Uma Experiência Naturista  
no Brasil*

*Mayara Pavanato*

# **O Natural e o Nu:**

**UMA EXPERIÊNCIA NATURISTA NO BRASIL**



**Mayara Pavanato**

# **O Natural e o Nu:**

**UMA EXPERIÊNCIA NATURISTA NO BRASIL**

**1ª Edição**



autora

Mayara Pavanato

orientação e revisão

Cláudio Bertolli Filho

fotos

Mayara Pavanato

diagramação

Rodrigo Pestillo Seles

capa

Aline Paes Leme

# Sumário

Agradecimentos .....	7
1º- A história do Clube Naturista Colina do Sol (CNCS).....	11
2º- O viver nu .....	14
3º- Os espaços físicos e sociais .....	17
4º- Jovens e velhos .....	26
5º- Os laços de convívio no cotidiano .....	29
6º- “Nós” e os outros .....	31
7º- O Futuro .....	36
8º- Uma jornalista na comunidade Colina do Sol .....	38



## Agradecimentos

É difícil colocar em apenas algumas poucas páginas todos os agradecimentos cabíveis para que esse livro pudesse estar como está. É nessa hora que as velhas metáforas surgem, pois é o momento das borboletas no estômago e daquele típico frio na barriga. Tentei adiar durante um tempo. Disse que só conseguiria pensar nisso quando tudo estivesse praticamente acabado. Mas finalmente cá estou eu para agradecer.

Agradeço a minha família, em especial a meus pais Nádia e Antônio Carlos e meu irmão Matheus. Poder ver esse trabalho em mãos tem uma parcela gigantesca de culpa deles. Apesar do choque inicial sobre encerrar o curso com um trabalho sobre Naturismo, tive todo o apoio e suporte necessários para desse certo. Aliás, como em tudo na minha vida. Temos nossas discordâncias e nossos pólos opostos, mas tenho certeza absoluta de que não importa onde eu esteja: eu sempre terei para onde voltar. Eu amo muito vocês!

Agradeço às minhas meninas. Confesso que não sei como teria sido minha estrada se não as tivesse encontrado. Vocês são sem dúvida aqueles presentes que a vida dá. Não vieram embaladas em papéis dourados, mas valem muito mais do que qualquer riqueza material. Porque mesmo que eu tivesse todo o dinheiro do mundo, não teria como pagar tanto carinho, afeto e amizade. Todas as nossas risadas, nossos conselhos, nossos choros, podem ter certeza que tudo isso vai comigo seja para onde fôr.

Obrigada Alice Wakai, Aline Paes, Larissa Gazetta, Maria Cláudia “Mosca”, Marina Lanzoni e a todas as outras flores da minha vida que tornam o meu jardim muito mais florido.

Agradeço também aos meus meninos. Sempre tão presentes, sempre tão parceiros. Meus apoios quando as coisas não iam bem, minhas jangadas quando estávamos no mar de bonança. Obrigada Bruno Martins, Diogo “Rubinho” Zacarias, Gabriel “Caverna” Agarie, Gabriel Ruiz, Henri Chevalier, Jorge Teixeira, Rafael Pompei, Silvio Izidro, e a todos os outros que marcaram momentos tão importantes na minha vida e sabem, lá no fundo, que tem seu espaço garantido.

Agradeço aos grandes camaradas e amigos que pude encontrar no decorrer das vivências de Movimento Estudantil. Passamos por algumas questões difíceis, brigamos algumas vezes entre nós mesmos, discordamos, acreditamos, mas principalmente: fomos à luta. Obrigada Alisson Bueno, André Padoveze, Cainã Jacob, Camila Domeniconi, Celso Freitas “Dinamite”, Enio Lourenço, Henrique Castro “Kpta”, Jefferson Rocha, Julia Bosco Ferreira, Laís Sandi, Luís Augusto “Goiaba”, Natália Mantovan, Richard Augusto e a tantos outros que, apesar de todas as dificuldades, continuam acreditando e lutando por mudanças!

Obrigada aos queridos Baiano, Carlinhos e Eder. Com o passar dos anos, criamos verdadeiros laços de afeto. O Ubaiano não é apenas um bar; é um lugar onde vivi muita coisa e que tem em cada canto uma lembrança especial. Nosso ponto de encontro mais cativo e onde certamente tive uma das aulas mais ricas de toda a minha graduação: baianologia! Obrigada também a todos os amigos que pude fazer e encontrar durante tais aulas. Meus colegas de

turma que se tornaram amigos entre uma cerveja e outra. Obrigada Arley Cardoso, Felipe Mendes Alves, Guilherme “Pig” dos Santos, Joseph, Paulo Bueno Felipe, Urias Pereira Lima e a todos os amigos que serão sempre bem vindos em nossa mesa.

Obrigada a todas as repúblicas e casas amigas, com todos os seus moradores tão queridos, que sempre me acolheram com tanto afeto e onde passamos momentos memoráveis. Obrigada Alunte, Babilônia, Casa 5, Gato Morto, Neusa, Padoca Libertária, Pirataria, República “Joaquim sem nome”, a saudosa Chiapas e tantas mais que vão ter sempre um bocado imenso da minha saudade.

Obrigada a todos os amigos que, ainda longe, são essenciais e estão comigo todos os dias, mesmo que seja na saudade. Obrigada Amanda Mendes, Célio “Celinho” Pereira Bezerra, Cícero “Cição” Fernandes Silva, João Gabriel “Jonny” de Souza, Lucas Lima “Piranha”, Telma Ressineti, Thalita Fernandes, Tiago “Bixo” Rovai, e a todos os outros dissidentes queridos!

Obrigada à Colina do Sol e a todos os “colineiros”, que me receberam tão bem em suas casas, em sua comunidade, em suas rotinas. Deixaram de ser apenas fontes de informação para se tornarem caros amigos. E daqueles que se carrega para sempre na memória.

Obrigada também ao meu orientador, Cláudio Bertolli Filho, por ter me dado esperanças de que esse projeto iria dar certo, apesar de todas as dificuldades. Todas as nossas conversas, fossem elas em sala de aula ou não, sempre me acrescentaram muito, principalmente no aprendizado de ver as pequenas coisas da vida de maneira encantada. Ajudou, e muito, a ver grandes maravilhas em nossa própria rotina, em nosso próprio cotidiano. Muitíssimo

obrigada!

Enfim, obrigada a todos que puderam direta ou indiretamente fazer parte não apenas da construção deste livro, mas também da minha vida. Tenham uma certeza: é muito amor!

## **1º - A história do Clube Naturista Colina do Sol (CNCS)**

**E**ncontrar a Colina do Sol foi um acaso bastante comemorado. Em meio às pesquisas que antecederam o trabalho de campo, buscava exatamente um lugar onde as pessoas realmente vivessem o Naturismo como algo presente e corriqueiro, realmente como uma filosofia de vida que é seguida diariamente. Ou seja, precisava de um espaço onde as pessoas morassem, não apenas fossem passar alguns dias ou uma temporada.

Por meio de contatos entre amigos, soube de sua existência. Consegui o e-mail para contato com a editora da revista Brasil Naturista, que foi bem ágil em me dar tal informação. Havia uma necessidade urgente, pois o tempo estava cada vez mais esgotado.

Segundo as informações da própria comunidade, o Clube Naturista Colina do Sol (CNCS) é a maior vila naturista da América do Sul. Ela abriga não só pessoas de todos os lugares do Brasil, como também de outros países, que puderam encontrar um lugar para viverem de maneira muito próxima à natureza e também ao Naturismo. Segundo relatos de alguns moradores, muitos estrangeiros passam a temporada de férias no clube com certa frequência, como os portugueses e os argentinos, por exemplo.

A Colina fica no município de Taquara, cidade com aproximadamente 54 mil habitantes e a quase 80 quilômetros

da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Ao que parece, a cidade aceita bem o fato de existir uma comunidade naturista. Contrariando uma tendência que existiu no começo dos anos 80, quando as cidades tinham uma visão pejorativa à presença de espaços naturistas. Foi o caso da Praia do Pinho, localizada em Balneário Camboriú. Muitas polêmicas foram criadas nesse sentido, não apenas pelo poder público, mas pelos próprios moradores. Já no caso de Taquara, pesquisando no site da prefeitura a Colina do Sol consta dentre as atrações turísticas da cidade, com todas as formas de contato, como telefone e e-mail.

O clube foi fundado no dia 15 de agosto de 1995 por Celso Rossi. Após comprar uma área no topo de um morro, até então sem nenhuma estrutura, convidou algumas pessoas interessadas para ajudar na construção do clube. A primeira obra inaugurada na Colina do Sol foi a pista de bocha. Hoje em dia ela é mais um dos espaços de integração entre os “colineiros”, junto com a quadra de vôlei de areia, o lago, playground para crianças, entre outros. Importante ressaltar que “colineiros” é como alguns dos moradores e frequentadores da Colina chamam uns aos outros. Uma forma carinhosa e acolhedora de demonstrar que aquelas pessoas fazem parte da comunidade.

Em 2011 o clube completou 16 anos. Pude participar da festa de comemoração e foi muito enriquecedor poder estar com pessoas que frequentam a comunidade há tanto tempo. Se não os 16, há pelo menos 8, 10, 12 anos. São de fato pessoas que se encontraram e presenciaram todo o crescimento da Colina. Hoje ela é uma adolescente que cada vez mais afirma seus princípios e tem clareza daquilo que defende e acredita.



*Muro de entrada do Clube Naturista Colina do Sol*

## 2° - O viver nu

**I**ndependentemente de qualquer coisa, uma é certa: todos nós nascemos nus. Essa é uma afirmação que ninguém pode contestar. Um ponto que nos iguala de certa forma, pois independe de cor, religião, classe social, sexo ou qualquer outro fator que possamos imaginar.

É a partir disso que fica mais claro entender porque os naturistas encaram a nudez de maneira tão natural e vêem nela uma possibilidade de igualdade entre as pessoas. Vendo dessa forma, ela deveria fazer parte do nosso cotidiano, em todos os momentos. É possível dizer que grande parte das pessoas experimenta sua própria nudez principalmente ao tomar banho e nas relações associadas à sexualidade. Dificilmente temos o costume de andarmos nus pela casa, por exemplo, ou praticarmos atividades rotineiras despidos. Esse foi um dos pontos inusitados na visita à comunidade, pois tudo acontece de maneira natural. Não há uma hora certa para tirar as roupas ou não. As pessoas simplesmente o fazem quando acharem melhor, tendo plena liberdade para isso.

Com o passar do tempo, aprendemos a nos cobrir com roupas a todo o momento. Independentemente do clima, se frio ou calor, de certa forma negando até mesmo nossa origem. Pois, no decorrer da vida, o homem sentiu necessidade de se agasalhar, em especial quando passou a migrar de um lugar para o outro. Algumas das regiões para onde

ia tinham um clima diferente daquele a que estava acostumado. Aprendeu que além da caça, podia usar a pele dos animais para se proteger. Hoje em dia, a vestimenta apenas por necessidade perdeu bastante o sentido. Há uma grande cadeia de indústrias que giram em torno da moda e das tendências. E que, além disso, dita o que vai ser mais usado ou não em cada uma das estações do ano. Sem falar do fato de tornarem as roupas objetos repletos de simbologia. Ter uma bolsa com a marca Chanel estampada tem outro grau de importância do que ter simplesmente uma bolsa, sem etiquetas ou marcas. O intuito não é colocar posicionamentos maniqueístas, como se uma das partes fosse correta e a outra errada. É apenas uma explanação para conseguirmos entender o quão complexa é a questão do viver nu nos dias atuais. Sairmos despidos em espaços públicos, por exemplo, tornou-se crime e configura-se como atentado violento ao pudor.

Porém, há pessoas que caminham no sentido inverso. Talvez possamos dizer, inclusive, que nadam contra a corrente. Elas não dão valor excessivo à indústria da moda, nem mesmo quando precisam estar vestidas. Muitos dos entrevistados moravam na Colina do Sol, mas tinham algumas tarefas que implicavam a necessidade de irem até a cidade mais próxima, ou até mesmo a capital. Nesse momento era preciso vestir-se novamente, não mais por opção, mas por obrigação. Ainda assim pude vê-los de maneira bastante simples. Usam a roupa com certos adornos, mas desligados das tendências dos últimos fashionistas de Milão. Cobrem-se com acessórios, em especial as mulheres. Brincos, colares, pulseiras, anéis, tudo isso compunha o visual delas. Suas cangas eram bastante coloridas, com diversos tipos de estampas. Afinal de contas,

é fato que a vaidade de cada um permanece. Buscamos sempre nos sentirmos bonitos, estando vestidos ou não. Queremos realçar nossas belezas, cuidar da pele, do cabelo, das unhas. Por que não? Mas de maneira muito interessante, essas pessoas aprenderam a não se tornarem reféns dessa necessidade um tanto quanto exacerbada pela sociedade e reforçada pela mídia de maneira incansável. Muito provavelmente por verem em seus próprios corpos a matéria-prima de tudo. Cobri-los parece uma espécie de atentado a si mesmo.

### 3° - Os espaços físicos e sociais

Uma das coisas que logo se tornaram alvo de questionamentos durante minha estadia na Colina do Sol foram as casas ou, como os sócios costumam chamar, as cabanas. Logo quando cheguei não pude ter uma noção do todo, pois o sol já havia se retirado e durante a noite ficava difícil compreender como o espaço era dividido. As ruas têm iluminação, mas não como estamos acostumados nas cidades, com postes altos e muito claros. São pequenos troncos de madeira, com aproximadamente dois metros de altura e com uma espécie de candelabro, acesos para guiar o caminho. As cabanas que não ficam tão à beira das ruas dependem mais de sua própria iluminação.

Já na manhã seguinte, assim que eu abri os olhos e olhei ao redor, pude perceber a grande quantidade delas. Algumas muito próximas de onde eu estava hospedada; outras mais distantes, que ao longo do dia pude ter a oportunidade de conhecer. Ao todo são mais de 90 casas espalhadas pelas pequenas ruas de terra que percorrem a comunidade. O clima se assemelha um pouco aos dos bairros convencionais das cidades, pois há vizinhos em volta e um ambiente parecido, apesar de suas peculiaridades.

Havia também uma visível mistura entre a padronização e o estilo próprio. No decorrer do caminho, me deparei com algumas casas bem grandes, extensas, com espaço para garagem e área de lazer. Também encontrei outras

menores, não tão cheias de pompas, mas com ares bastante acolhedores. Ao questionar alguns entrevistados sobre esse estilo, tive algumas surpresas. A primeira delas foi descobrir que há sim uma padronização nos materiais que podem ser utilizados para as construções. Independentemente de como elas forem por dentro, do lado de fora só é permitido que haja madeira, vidros e pedras.

Estranhei ao chegar à cabana de um dos entrevistados e perceber que por dentro ela era feita de alvenaria. Questionei-o e ele me explicou que aquela área do clube foi habitada durante certo tempo por alguns estadunidenses e que por isso as casas daquela região tinham um estilo diferente, seguindo as peculiaridades das construções nos Estados Unidos. Uma delas estava no jardim. A princípio não me atentei, mas durante nossa conversa percebi a diferença: a grama plantada em frente às casas. Essa é uma característica bem própria daquela região da Colina, devido exatamente a essa diferença no estilo de construção.

A segunda surpresa foi saber que apesar dessa padronização dos materiais, o formato e o tamanho das cabanas varia de acordo com a individualidade de cada um. Como dito anteriormente, há cabanas grandes e pequenas, com apenas um andar ou mais de um, e assim por diante. Apesar disso, em diversos depoimentos os entrevistados salientaram que o tamanho das casas não sustenta nenhum tipo de *status* perante os demais. Ser maior ou menor diz respeito às necessidades de cada morador ou sócio do clube. Vi diversas cabanas menores em que apenas uma pessoa vivia, ou seja, não haveria necessidade de grandes construções. Ao mesmo tempo, outros moradores frequentam o espaço com seus familiares e amigos,

por exemplo, o que acarreta a necessidade de um espaço maior.

Todos esses pontos revelaram uma das propostas da comunidade: a igualdade entre as pessoas, mas sem privá-las de sua individualidade. Por ser um espaço onde o *status* social não importa e as pessoas estão unidas por um estilo de vida em comum, o Naturismo, não é necessário saber o que cada uma delas tem, somente quem realmente são.

Também há uma divisão no espaço da Colina: áreas onde é ou não permitida a criação de animais domésticos. Para facilitar o entendimento, é possível dizer que há dois núcleos de cabanas separados pelo lago, um espaço mais ou menos central do clube. Em um dos núcleos a presença de animais domésticos é proibida, enquanto que no outro ela é liberada, mas não necessariamente obrigatória, já que muitas pessoas moram nessa região e nem por isso criam animais. Conheci um casal durante minha estadia que estava em processo de mudança de uma cabana para outra, pois tinham animais de estimação e precisaram mudar de área. Ao que percebi, essa separação das duas áreas ocorre sem conflitos, pois essa é uma maneira que respeita ambas as partes.

Também é curioso o fato das cabanas não serem cercadas por muros ou portões. O espaço entre elas é totalmente aberto e livre para circulação. Não há algo que delimite que aquela área não possa ser utilizada. E isso gera um ar de proximidade. Para visitar uns aos outros, por exemplo, não é necessário campainhas ou grades: basta bater na porta. Para nós que estamos tão acostumados a viver em cidades grandes, onde há tanto investimento para a suposta proteção das pessoas e dos espaços, a sensação de



*Ruas que cortam a comunidade e entremeiam as cabanas*



*Os materiais externos das cabanas só podem ser pedras, madeiras e vidros; já o seu tamanho corresponde às necessidades de cabada morador*

proximidade na Colina é bem real. Cada vez mais vemos muita tecnologia sendo desenvolvida com a finalidade de vigilância, o que nem sempre corresponde de fato à segurança. Os muros cada vez mais altos, a visão cada vez mais restrita das coisas, estamos nos enclausurando de forma muito natural, pacífica. Talvez pareça um pouco clichê, mas o fato dessas barreiras não existirem faz com que elas também não existam no psicológico. Muros, grades, câmeras, cercas elétricas, sejam lá quais forem as formas de proteção nas grandes cidades, viver sem elas permite uma liberdade não apenas física, mas principalmente psicológica.

Em uma das cabanas que pude conhecer, a sensação que aquele lugar me trouxe foi de muita paz. Não muito grande, tinha o formato de um octógono. Muito iluminada, com grandes janelas sem grades. Da porta da cozinha, escancarada para a entrada do sol, jamais vou conseguir esquecer a vista incrível, de onde era possível ver a cidade vizinha ao longe. Tão maravilhosa e com permissão para ser vista. Não é necessário abrir o portão de casa, subir nos muros, ver por entre grades. Estava ali, ampla, pronta para ser apreciada e sentida.

Também há no clube uma norma que padroniza o espaço entre as cabanas. Por serem próximas e pelo fato de não haver muros e portões, essa regra existe para que a distância entre uma e outra seja respeitada. Dessa forma, é possível manter o espaço em comum, mas também a privacidade dos moradores e frequentadores.

Além disso, uma informação que me pareceu bem interessante é que os sócios podem ser donos de suas cabanas, mas o espaço do terreno onde elas são construídas é uma concessão do clube. Ou seja, você utiliza determinado

espaço, mas ele não é de fato seu. Essa foi a maneira que os fundadores da Colina criaram para garantir que, caso houvesse algum problema com determinado morador e ele fosse convidado a se retirar da comunidade, não poderia permanecer alegando que era proprietário daquele pedaço de terra. É uma forma de conseguir controlar a organização do lugar, pois o que todos querem é ter a tranquilidade necessária para desfrutar sua vida em contato com a natureza.

Porém, não são apenas as cabanas os únicos espaços de dormitório e moradia da Colina. Dentro do clube existe uma área de camping, administrada por João Ubiratan, mais conhecido como Tuca. Altura mediana, um tanto quanto calvo, tem os cabelos compridos até o meio das costas e que desde o começo se mostrou muito comunicativo, Tuca é uma das pessoas mais antigas da comunidade: foi morar lá em 1996, pouco tempo depois da criação da Colina do Sol. Convidado por Celso Rossi, fundador da comunidade, ele chegou quando o clube era uma grande área no topo de uma colina, com algumas barracas e muita vegetação fechada. Ao descobrir aquele lugar, ainda que precário a princípio, ele teve certeza de que havia encontrado seu lugar. A vontade de viver lá foi tanta que, depois de pouco tempo, voltou para Porto Alegre, cidade onde residia até então, e vendeu todos os seus negócios. Além disso, se desfez de sua casa, deixou toda a sua antiga vida para se mudar “de mala e cuia” e começar de novo.

Desde essa época, Tuca é o responsável pela área de camping da Colina. É um ambiente bastante organizado e não se diferencia em nada do clima ameno que há no clube. A estrutura do camping forma uma espécie de acampamento. São como pequenas casas, mas sem portas e jane-



*Casa de Tuca e “sede” da área de camping*



*Estrutura do camping para acomodação das barracas*



*Áreas coletivas do camping, como lago e churrasqueira*



las. Apenas um vão suspenso por uma espécie de palanque, para que não haja contato direto das barracas com o chão, e coberto com toldos para proteção contra a chuva. O imaginário sobre acampamentos sempre me lembrou algo como “heróis na selva” alojados em meio a uma clareira. Essa visão romântica dos filmes de ação. Muito longe disso! Apesar de manter algumas características próprias para aqueles que gostam de acampar, há certa comodidade. No camping há uma cozinha comunitária bem equipada com fogão, panelas, geladeira, churrasqueira e mais um bocado de coisas. Também tem mesa de sinuca, piscina natural, lago para pescar e até uma academia, todos para uso coletivo das pessoas que estão acampadas.

Pelo que pude perceber, a principal diferença entre as cabanas e o camping são os espaços de convivência e uso coletivo, talvez muito mais do que a questão do conforto. De certa forma, aqueles que optam pelas casas acabam tendo mais individualidade. Os banheiros e a cozinha, por exemplo, são individuais em cada cabana. Não é necessária a convivência “obrigatória”. Até porque, quando se está na cabana, aqueles que não estão com vontade de uma maior integração, podem ficar lá dentro fazendo suas atividades. Já o espaço do camping pressupõe uma convivência minimamente obrigatória e necessária, pois os espaços são de uso comunitário. Porém, é importante salientar que essa diferença não torna uma opção melhor que a outra. São espaços e estilos diferentes, que atendem as escolhas de cada um. Afinal, o clima de respeito se mantém em qualquer espaço da Colina, seja lá onde for.

## 4° - Jovens e velhos

No decorrer dos dias em que estive em trabalho de campo, algo intrigante para mim foi perceber a ausência de jovens na comunidade. Era possível ver essencialmente duas oposições: ou crianças, ou adultos e idosos.

Durante os meus dias lá, notei que as crianças não participam da rotina diária do clube. Pude vê-las em poucos momentos, em especial nos eventos que estavam comemorando o aniversário da Colina. Porém, de todas aquelas que tive oportunidade de ver e conhecer, apenas uma ou duas frequentavam o lugar como um espaço naturista. As demais tinham algum grau de parentesco com alguns funcionários e estavam presentes essencialmente devido às festividades, em especial no domingo. Apesar da convivência muito natural, como já relatada, elas não estavam ali para a prática do naturismo como motivação.

Ainda assim, foi curioso perceber que as outras duas crianças que tinham essa finalidade, ou ao menos essa motivação, não estavam tão à vontade quanto os adultos. Pude ver uma delas nadando completamente nua na piscina de pedras, no momento em que acontecia sua reinauguração. Era um menino, de aproximadamente 8 ou 10 anos, no máximo. Estava acompanhado do pai, sem grandes constrangimentos, mas logo em seguida foi embora e não mais o vi.

Já a outra criança, esta com 10 anos, era uma menina

linda e muito simpática. Pude conhecê-la já no primeiro dia em que cheguei e quando nos encontramos novamente no dia seguinte, convidou-me para uma volta, a fim de conhecer o clube e fazer algumas fotos. Foi me apresentando o caminho todo como uma guia mirim, comentou sobre algumas cabanas, falou sobre a imensa quantidade de animais silvestres que habitam o clube e que perambulam por ali sem nenhum problema. No meio do caminho avistamos um lagarto, o qual ela há havia citado várias vezes durante nosso trajeto, aproveitando a tarde de sol. Ela contou que frequenta a Colina desde os 5 anos de idade, juntamente com os pais, que vão para lá todos os finais de semana. Todos moram a cerca de 30 minutos do clube, porém, os pais trabalham e ela vai todos os dias para a escola, o que torna inviável morar na comunidade. Apesar desse contato bem estreito e longo que ela tem com o Naturismo, em nenhum momento a vi despiada. Acompanhada dos pais em diversos momentos, ambos nus, a menina estava sempre vestida, quando muito enrolada em uma canga de praia.

Questionei alguns moradores sobre isso, pois o que imaginei a princípio era que as crianças criadas nesse estilo de vida tivessem uma aceitação e uma facilidade muito maior para a prática do Naturismo, mesmo após o fim da infância. Fiquei surpresa ao ouvir de alguns moradores o quanto isso é incomum. Muitas das crianças que visitavam o clube, quando chegaram à adolescência e à puberdade, deixaram de ir. Isso porque nessa fase o corpo está sofrendo mudanças. Nas meninas, os peitos começam a crescer, os contornos aparecem e as formas aumentam. Nos meninos também ocorrem mudanças, como o aumento do pênis e o crescimento de pêlos, por exemplo. Isso

gera certo receio por parte dos adolescentes, por ainda não saberem lidar exatamente com todas essas transformações.

Um dos entrevistados citou como exemplo seus próprios filhos. Ambos tinham como hábito não só irem até a comunidade, como também à Praia do Pinho, na década de 80 e 90. Quando chegaram à adolescência e posteriormente à fase adulta, nunca mais vivenciaram o Naturismo. Atualmente, eles frequentam vez ou outra a Colina, mas para visitar o pai. E mesmo quando o fazem, permanecem em casa, sem conviver nos espaços coletivos do clube, e muito menos nas áreas de nudez obrigatória.

Por outro lado, é perceptível a presença majoritária de adultos e, em especial, de idosos. Durante os dias em campo e no decorrer das entrevistas foi possível perceber que após terem trabalhado a vida toda, estabelecido relações, fossem elas matrimoniais ou não, tido filhos e chegado a uma estabilidade tanto financeira quanto de vida, é que os moradores puderam fixar raízes na Colina do Sol. Um dos principais motivos é a questão do trabalho. Como já dito anteriormente, há uma dificuldade em residir no clube e ter que viajar no mínimo 20 quilômetros até a cidade mais próxima. A partir do momento em que se alcança a aposentadoria e não há mais a necessidade de trabalhar, ao menos nos modos convencionais, a possibilidade se expande. Modos convencionais porque algumas pessoas ainda exercem algumas de suas atividades dentro do clube, mas não têm a obrigação de estarem constantemente em uma empresa ou espaço dedicado apenas para o trabalho. São artistas plásticos, escritores, fotógrafos, que podem continuar com sua profissão mesmo morando na Colina, sem terem que se deslocar até os grandes centros.

## 5° - Os laços de convívio no cotidiano

Quando busquei tratar o tema Naturismo e me deparei com a possibilidade de visitar uma comunidade naturista, espontaneamente um espírito de romantismo surgiu. A sociedade está vivendo cada vez mais um período de intensa ebulição. Somos bombardeados diariamente com uma quantidade enorme de informações, precisamos sobreviver em meio ao caos dos grandes centros, que inclui trânsito, pressões no trabalho, a necessidade de acreditarmos no quanto é necessário estar sempre correndo, pois o ócio parece tempo perdido.

A idéia de uma comunidade naturista, alternativa a determinados padrões impostos pela sociedade e seus tabus, onde é possível a vivência de outro estilo de vida, que ultrapassa apenas o estar nu, mas que preza o convívio e o respeito à natureza, afastada dos grandes centros urbanos, localizada no topo de uma colina, a 20 quilômetros de uma cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul, tudo isso criou um imaginário de plenitude. Era como se as pessoas da comunidade tivessem alcançado um estágio muito elevado na qualidade de vida e de convívio com os demais. Como se naquele lugar não houvesse problemas e a harmonia fosse absoluta.

Porém, durante a pesquisa de campo foi possível perceber que minha imaginação foi muito além. Não se tratava de uma bolha, ou uma sociedade alternati-

va cantada por Raul Seixas. A Colina era um lugar como qualquer outro, também rodeada por seus vícios e problemas. Afinal, as comunidades são compostas por pessoas que viveram e ainda vivem imersas nos mesmos vícios e problemas. As questões de convivência estão presentes seja onde for. Nas cidades grandes, pequenas, metrópoles ou não, conviver é sempre um desafio.

Dentro da comunidade, durante os dias em que estive lá, o clima foi de muito respeito e boa convivência entre todos os presentes, em especial durante os eventos de comemoração do aniversário de 16 anos da Colina. Ao mesmo tempo, foi visível que os círculos de amizade e afinidade também existem, bem como o contrário. O interessante é que esse foi um dos principais motivos para ter deixado minha visão romântica de lado e passar a ver com olhos mais realistas. É claro que uma interpretação está sempre carregada das influências do observador, por mais bem intencionada que seja a tentativa de imparcialidade, mas a partir disso meu olhar passou por algumas transformações.

Um dos laços de convívio presente na comunidade é entre vizinhos, por exemplo. Percebi durante alguns depoimentos uma relação de cuidados entre um e outro, inclusive. Como alguns sócios não moram lá, mas passam os finais de semana, por exemplo, um sempre acaba cuidando um pouco da casa do outro.

## 6° - “Nós” e os outros

Uma das questões inevitáveis após alguns dias imersa na comunidade era saber como fica a relação dos moradores com a sociedade “do lado de fora”. Passei apenas três dias em trabalho de campo, e mesmo assim foi possível perceber a nítida diferença entre estar lá dentro e do lado de fora. Não apenas por uma questão de espaço, pois o contato com a natureza também propicia outros estímulos e formas diferentes de viver a rotina, pois como já foi dito, até mesmo as formas de trabalho se modificam. Mas, além disso, há mudanças na maneira de se comportar e que precisam de algumas adaptações do portão para fora.

Uma delas é a dupla identidade e as máscaras sociais. Durante as entrevistas e depoimentos, algumas pessoas declararam abertamente o quanto escondem, ou escondiam, o fato de irem a um clube naturista, alegando como principal motivo o preconceito das outras pessoas. Muitas vezes imaginamos que o ambiente de trabalho seja o mais opressor nessa questão, pois é um ambiente formal e no qual precisamos manter algumas posturas. Em especial se o cargo ocupado for de destaque ou a profissão for tida como importante, o que é bastante discutível. Mas de qualquer maneira, foi interessante poder ter encontrado na Colina médicos, advogados, professores universitários, juízes, chefes de alguns órgãos importantes do gover-

no, entre outros. Porém, não é apenas no trabalho que o preconceito está presente. Ele se manifesta também nas relações informais do nosso cotidiano, seja no prédio onde se mora, seja na escola dos filhos, seja qual for o ambiente: o preconceito ainda existe e faz com que muitos naturistas tenham que se omitir perante a sociedade.

Ao mesmo tempo, foi interessante perceber a relação bastante cordial que os moradores das redondezas têm com os sócios e visitantes da Colina. Alguns dos funcionários que trabalham no clube são vizinhos, pois há uma espécie de bairro no morro onde fica localizada a comunidade. Na cidade de Taquara, município no qual a Colina está localizada, o tratamento não é diferenciado. Um dos moradores comentou sobre a naturalidade com que é tratado no banco, por exemplo, ao chegar e dizer que é morador da Colina do Sol. Já em Porto Alegre, ele afirmou que ao fazer o mesmo comentário, certamente irão surgir piadas e alguns olhares mais irônicos e maliciosos, segundo ele, por desconhecimento e, geralmente, aqueles que não têm coragem para tirarem a roupa são os que fazem esse tipo de brincadeira. Cujá graça, na minha opinião, é bastante questionável.

Ainda mais delicada do que a sociedade é a relação familiar. Em muitos casos, o principal bloqueio surge em relação aos filhos. Pude conversar com algumas pessoas, em especial casais com filhos ainda jovens, e eles narraram a respeito da dificuldade que há em assumir o Naturismo, bem como o fato de serem sócios do clube. Uma das entrevistadas contou que, ao começar a frequentar a Colina todos os finais de semana, escondeu dos filhos para onde ia, dizendo durante algum tempo apenas que ia para uma chácara. Outros tiveram uma abertura maior e até

mesmo levavam os filhos ainda pequenos para o clube, mas eles posteriormente pararam de ir devido às questões já colocadas sobre os jovens e a dificuldade com o nu.

Além disso, a dificuldade não está apenas com os filhos. Muitos declararam que a família toda, ou parte dela sabe, respeita, mas não vai até a Colina. Uma das entrevistadas não via a irmã já há algum tempo, em especial desde que se mudou de vez para a comunidade. A partir de então não houve mais visitas, apenas contatos por telefone, etc. E essa é a realidade de alguns moradores, que passam por essa dificuldade para manterem um contato próximo com os familiares. Em alguns momentos, comparei essa situação à de algumas pessoas que passam algum tempo em clínicas, por exemplo, tenham elas quaisquer finalidades. Torna-se um pouco triste desejar essa visita que nunca chega, porque é o receio ou o preconceito impedindo o contato e o convívio. Não necessariamente impedem os sentimentos de existirem, nem fazem com que se modifiquem, mas para alguns a manifestação deles fica bastante prejudicada.

Por outro lado há os amigos e essa relação me pareceu um pouco mais fácil. Talvez porque não haja uma carga moral tão presente como tradicionalmente ocorre com as famílias mais conservadoras, por exemplo. Isso porque vivemos em uma sociedade que coloca as relações familiares como algo que não deva ser abalado, muito menos desfeito. Vivemos essa “regra” de maneira muito natural, pois temos a instituição familiar um tanto quanto imaculada. Dessa forma, se os nossos amigos não aceitam a opção do Naturismo, por exemplo, temos uma espécie de permissão da sociedade para excluí-los do nosso ciclo de convívio e não precisar dar satisfações. Enquanto que, se

isso ocorre em âmbito familiar, é necessário todo um jogo de cintura para contornar a situação e prezar pelos laços familiares, ainda que isso implique o afastamento entre seus membros. Essa questão não foi levantada por muitos dos entrevistados. Geralmente o foco era mais a relação familiar do que a entre amigos. Uma das causas que pude perceber é que, em especial os moradores, criam uma relação de amizade muito intensa com os outros moradores. Isso porque a rotina fora da Colina sofreu transformações e é natural que algumas amizades tenham ficado mais distantes. Mas também pude ouvir relatos de amigos de moradores que vão até a Colina não muito raramente, passam alguns dias lá e chegam até a experimentar o Naturismo.

Questionei os entrevistados sobre como se mantinha a relação deles com as pessoas de fora da comunidade. Por terem optado por uma mudança muito mais profunda do que simplesmente estarem nus, as próprias relações se restabelecem e se transformam. Indaguei se a aceitação permanecia a mesma para ambas as partes, porque muito falamos sobre o preconceito da sociedade com o Naturismo, mas não do preconceito dos naturistas em relação à sociedade. E isso não é algo impossível e fora de cogitação, pois algumas pessoas, ao se descobrirem de uma maneira e se delimitarem dentro da mesma, correm o risco de gerarem um sentimento de intolerância à adversidade, ao diferente, àquilo que não as contempla. A propósito, esse foi um dos assuntos mais lembrados na fase que antecedeu a pesquisa de campo. Um dos pontos básicos quando falamos de análise de determinados grupos, sejam eles quais forem, é essa relação entre o “eu” e o “outro”, ou, no caso de uma comunidade, o “nós” e o “outro”. Não apenas

por ser uma comunidade naturista, deslocada dos grandes centros urbanos e por todos os motivos já citados, mas porque a nossa tendência de sempre buscar o mínimo de reconhecimento no outro está presente em qualquer lugar. A antropologia discute isso de forma mais abrangente e foi interessante poder pesquisar e perceber essa relação de maneira mais clara, pois o fato de não estar imersa na própria rotina aguça ainda mais o nosso olhar, percebendo coisas a que diariamente não nos atentamos. De qualquer forma, ouvi opiniões distintas sobre essa questão. Em grande parte dos depoimentos, os entrevistados disseram não terem nenhum problema com o olhar sobre o outro.

## 7° - O Futuro

**S**e considerarmos o Nudismo e o Naturismo brasileiros na década de 90, logo no seu início, e atualmente, as diferenças existem e apontam para um possível futuro.

A principal mudança talvez tenha sido o refluxo depois do grande “boom” que as praias tiveram logo na sua fundação e crescente divulgação, especialmente aquelas destinadas ao nudismo. Nessa época, a publicidade que se fez em torno desses novos lugares foi enorme. Os holofotes se voltaram todos para a última grande novidade turística do país, que mudou não apenas os roteiros de viagem, como foi um marco para muitas pessoas, que tiveram a chance de experimentarem o Naturismo e o Nudismo de perto. O que havia até então eram praias desertas nas quais as pessoas também podiam ficar nuas, mas pelo fato de serem afastadas e longe dos olhares das multidões. Não eram locais oficialmente naturistas.

Essa grande exaltação das praias fez com que muitas pessoas fossem até esses locais, movidas principalmente pela curiosidade. Porém, era um espírito curioso que não estava necessariamente ligado à prática da nudez social. Em muitos casos, as pessoas iam fazer visitas como se estivessem em um zoológico. Os naturistas, que estavam ali de fato para aproveitarem o espaço, onde era possível usufruir da maneira que se sentiam à vontade, passaram a serem vistos como animais exóticos.

Depois de algum tempo, entre grandes esforços e nem sempre muitos apoios, diria que a situação se estabilizou. A imprensa passou a fazer uma cobertura um pouco mais cuidadosa. Surgiram algumas revistas especializadas que tratavam o assunto com mais seriedade do que a que havia até então, como a “Naturis” e, atualmente, a “Brasil Naturista”.

Assim, o futuro do Naturismo muito provavelmente caminha nesse sentido. Apesar de ainda permanecer cercado de tabus, hoje em dia as pessoas sabem um pouco melhor que as áreas naturistas e nudistas têm um propósito, além da nudez pela nudez. Durante a estadia na Colina do Sol, questionei alguns entrevistados sobre a presença de pessoas que ainda procuram o clube com outras finalidades, em especial as de caráter sexual. As falas entraram em consenso ao dizerem que antigamente era mais comum, mas que hoje em dia pouquíssimas pessoas vão até lá para isso. Até porque a comunidade criou maneiras de inibir esse tipo de comportamento, como limitar a presença de homens solteiros de segunda a quinta-feira, por exemplo.

Questionei também a respeito da Praia do Pinho, pois pude ler os processos de seu desenvolvimento no livro “Naturismo: a redescoberta do homem”, do Celso Rossi, fundador da mesma. Afinal de contas, há sempre certa curiosidade em saber como a primogênita vem crescendo e se comportando. Mas, infelizmente, muitos não me souberam dizer como ela está nos dias de hoje, pois há muito tempo não iam até lá.

## 8° - Uma jornalista na comunidade Colina do Sol

**E**ra uma noite como outra qualquer. Estávamos eu e alguns amigos sentados em uma das mesas do Ubaiano, o bar que fica em frente à Unesp de Bauru, e que funciona como o maior e melhor dos nossos pontos de encontro. É lá que nos reunimos quase todo final de noite para contar sobre o dia que passou, entre um copo de cerveja e uma porção de amendoim.

Discutíamos sobre assuntos aleatórios, até que o tema “roupas” surgiu. Eram confabulações sobre o quão interessante é a forma de nos expressarmos por meio das peças que escolhemos usar e vestir. Algo que todos nós percebemos, mesmo que inconscientemente. Até mesmo o fato de aderir ou não a algumas tendências que estão na moda é uma questão de escolha e que vai carregar um discurso próprio. A maneira como o outro se veste também nos aproxima ou nos repele, dependendo das preferências de cada um. E eis que aí surgem as caracterizações típicas que a sociedade faz de acordo com os padrões, aquilo que costumamos chamar de “tribos”. Sejam fashionistas, hippies, metaleiros, básicos, peruas ou qualquer outra denominação, há sempre uma classificação, um rótulo. Alguns diriam que é sem querer, algo espontâneo, mas é preciso ter cuidados ao afirmar tal espontaneidade, porque é importante lembrar o quanto

as construções sociais, sejam elas familiares, coletivas ou de qualquer outra natureza, influenciam diretamente em nossa formação.

Em meio a essa discussão, fiquei pensando por algum tempo que esse seria um tema interessante para o meu projeto de trabalho de conclusão de curso. Logo em seguida, uma idéia ainda melhor surgiu: qual seria o discurso que as pessoas carregam no fato de não usarem roupas? Na hora me lembrei de um programa que havia assistido, sobre uma comunidade onde todos viviam nus e o quanto isso poderia render um ótimo trabalho. Se não por competência da futura jornalista, ao menos por ser um tema pouco explorado e rodeado de alguns mitos.

Na realidade, o Naturismo surgiu como foco de pesquisa rodeado por muita curiosidade. Muito mais curiosidades do que preconceitos, apesar de acreditar que até mesmo o lado curioso também surja devido aos diversos tabus colocados e nem sempre enfrentados por nós mesmos. Ainda hoje, falar sobre o corpo e vivenciá-lo de maneira plena carrega diversos preconceitos e desvios na forma como é abordado e discutido. Apesar dos diversos avanços experimentados pela sociedade durante todos esses anos, incluindo também a sexualidade e a liberdade, estamos longe de uma real aceitação, aquela que vê e trata o corpo como ele realmente é.

A possibilidade de conhecer um lugar onde as pessoas vivessem em comunidade por meio desse elo, que também inclui o constante cuidado e respeito com a natureza, me pareceu muito interessante, não somente enquanto estudante de jornalismo, mas também como sujeito.

Começava então a jornada para encontrar uma

comunidade naturista no Brasil. Foi uma dificuldade grande por alguns motivos essenciais. O primeiro é a necessidade de pesquisa por meio da Internet. Muitas vezes ela facilita o trabalho e aumenta as chances de contato. Porém, o fato de estar em busca de um lugar onde as pessoas morassem torna esperada a falta de destaque nas pesquisas. Afinal de contas, poucos de nós colocamos o endereço de nossas casas no Google e pedimos por visitas. O segundo foi a dificuldade em encontrar de fato um lugar naturista. Durante a pesquisa surgiram diversos, mas voltados muito mais para o nudismo. Eram hotéis ou casas para alugar, cuja oferta era a possibilidade de estar nu e desfrutar de todos os espaços, mas quase como uma chácara que se aluga aos finais de semana para passar o dia com familiares ou amigos. Não senti muita firmeza nem seriedade, além de não ser esse o meu foco de pesquisa. A terceira dificuldade foi em relação aos contatos que já havia conseguido. Depois de muita pesquisa, encontrei uma em Minas Gerais. A ideia me interessou, porque o nudismo está sempre associado na mente das pessoas à ideia de praia. E como se sabe, em Minas Gerais não há praias, nem mesmo a possibilidade delas. Descobri o *site* e busquei fazer contato de meados de agosto a meados de setembro. Não conseguia encontrar mais nenhuma que se encaixasse no que eu gostaria. Infelizmente, o retorno não aconteceu. Mandeí diversos e-mails, mas não recebi nenhuma resposta. Até hoje estou no aguardo.

Como estudante e pensando em todos os prazos que estavam começando a ficar curtos demais, passei a buscar ajuda em todos os cantos. Até que uma conhecida indicou, por meio de uma amiga, a Colina do Sol. Ela não tinha muitas informações. Disse apenas que “é algu-

ma coisa do Sol” e ficava no Sul do país. Nesse mesmo dia, estava pesquisando algumas coisas e encontrei o site de uma revista especializada em Naturismo, chamada Brasil Naturista. Fiz contato com a editora e perguntei sobre essa tal “alguma coisa do Sol”. Ela me disse do que se tratava e passou o e-mail para contato. Enviei, explicando exatamente do que se tratava meu projeto, qual era o meu interesse na pesquisa e solicitando a minha autorização para ir até o Rio Grande do Sul fazer a pesquisa de campo. Foi uma felicidade imensa chegar da faculdade poucos dias depois e ver na minha caixa de entrada que eles haviam ao menos enviado uma resposta para meu e-mail.

No nome do remetente estava escrito “PRESIDÊNCIA”. Não pude deixar de me sentir ligeiramente importante. Afinal, estava tratando diretamente com quem, de cara, já iria me dar esperanças de ir ou não. Felizmente ele se mostrou interessado e me informou que uma vez por mês era realizada uma reunião com os sócios do clube. Durante a reunião, que aconteceria no final de setembro, o meu pedido seria votado. Lembro que a data para tal resposta era dia 21 de setembro. Não dormi de agitação, porque era dessa reunião que meu projeto dependia para dar certo ou não.

No dia 22 de setembro, a página de e-mails era atualizada de cinco em cinco minutos. Até que no dia seguinte recebo um e-mail da Colina: a reunião havia sido adiada e o parecer só sairia após o dia 1 de outubro. Fui um tanto quanto desesperada para a reunião com o orientador naquele mesmo final de semana. Quando ouvi a frase “Mayara, você quer mesmo se formar este ano?” houve uma ligeira taquicardia. A idéia de arquivar o projeto, que apesar de não estar em pleno desenvolvimento, eu

havia me preparado para realizar, amedrontou. Naquele dia chegamos a conversar sobre a possibilidade de outro tema, pois além do atraso na data da decisão, ainda não sabíamos se o parecer seria positivo para a visita.

Foi então que no dia 3 de outubro, após um final de semana de tensão, o parecer finalmente chegou. O texto dizia “O Conselho Deliberativo autorizou sua visita, pedindo apenas que informasse qual seria sua programação”. Foi uma sensação de alívio tão grande. Mas ao mesmo tempo em que a notícia proporcionava certa calma, estava dada a largada para a correria pré-viagem.

Minha passagem estava marcada para o dia 8 de outubro. Durante toda a semana havia uma mistura de medo, curiosidade, preocupação e as mais diversas sensações. Saí de Bauru na sexta-feira pela manhã, com direção a São Paulo. Após uma noite não muito calma, mas de sono profundo, saí cedo da casa da minha tia, onde estava hospedada, em direção a Guarulhos. Era a primeira vez que pisava em um aeroporto. Esse talvez tenha sido um dos principais motivos para tanto nervosismo. Estava acompanhada pelo meu avô, que até perambulou comigo durante um bom tempo para me fazer conhecer cada canto do lugar, talvez percebendo a ansiedade. Mas foi quando chegou a hora de entrar para a sala de embarque que a ficha caiu. “Agora é com você, Mayara!”.

Depois de todos os procedimentos de praxe, como ter que tirar até os grampos de cabelo para não ser barrada no detector de metais, era hora de entrar no meio de transporte que me levaria à comunidade que eu tanto quis conhecer e pesquisar. Também era hora das instruções de como sobreviver a qualquer acidente, inclusive com a possibilidade de cair no mar. Interessante descobrir que



*Avião sobrevoando o trajeto São Paulo - Porto Alegre*

o assento das poltronas me ajudaria a boiar nesse caso. A atenção foi ainda maior na hora de colocar os cintos de segurança. Talvez tenha espremido meus órgãos internos nesse momento, pois tenho certeza que o meu cinto estava bem preso. Não restavam dúvidas, comissário de bordo! A escada que leva os passageiros àquele grande pássaro de metal foi desconectada e já estava perambulando pelo aeroporto; a porta foi fechada e duas faixas vermelhas indicavam que não havia mais como desistir. Lentamente o avião foi se posicionando na pista de decolagem. O barulho das turbinas já estava alto o suficiente para abafar meu coração acelerado. Foi quando ele começou a acelerar na pista. A sensação era como se eu estivesse em um carro a 9000 km/h. De repente, estamos voando! As casas lá embaixo começam a ficar pequeninas; tão pequenas que depois de algum tempo é como se não existissem. O que se vê agora pela janela são apenas nuvens em um céu azul. Mais algumas olhadelas pela janela, uma afrouxada no cinto e finalmente estava mais calma. Peguei o livro sobre Naturismo que havia comprado para auxiliar na pesquisa. A essa altura era importante recordar para onde e porque estava enfrentando toda aquela maratona.

Tudo estava calmo quando o piloto pede pelo microfone para que apertássemos os cintos novamente, pois iríamos pousar. Afinal, tudo o que sobe precisa descer. Senti meus órgãos se espremerem novamente e olhei pela janela. Porto Alegre se mostrava por entre a neblina daquele dia chuvoso. Pude ver uma grande plantação de arroz e mais adiante a cidade. Exuberante, eu diria. O avião tocou o solo e a sensação foi muito menos angustiante. Afinal, é bom poder sentir que aquela espécie de carro a 900 km/h está parando.

E parou! A escada veio novamente, a fita vermelha da porta foi solta. Chegando ao aeroporto, uma sensação engraçada. Vi as pessoas esperando seus familiares ou amigos, naquela típica cena de filme. Alguns até tinham plaquinhas em mãos. Como ninguém aguardava por mim, fui atrás de informações. Estava entrando em uma lanchonete no andar de cima do aeroporto quando o telefone toca. Era o Colin, meu contato na Colina do Sol. Avisei que havia chego e que estava indo para a rodoviária pegar o ônibus até Taquara, como combinado. Ainda no telefone, disse que tentaria ir de trem, pois havia descoberto uma estação logo em frente. Assim que desliguei fui confirmar a informação com a moça do caixa. Era a primeira vez que ouvia o sotaque gaúcho em terras porto alegre. Muito simpática, ela me explicou exatamente como chegar à estação de trem. Era sair na porta do aeroporto, atravessar a passarela e já cair dentro dela. O bilhete custava R\$1,70. Em média, trinta vezes menos do que o motorista de táxi me cobraria para o mesmo trajeto. Uma vantagem enorme, já que ser estudante e desempregada não ajuda muito na questão financeira. Aliás, é necessário dizer: não fazia idéia do quanto a inflação no céu está alta, pois confesso que nunca havia visto um copo de macarrão instantâneo custar R\$10.

Ainda descendo a escada, um trem acabava de partir. Colin havia me dito que um ônibus sairia para Taquara às 16h. Olhei para o relógio, faltavam apenas 15 minutos. Perguntei para a moça ao lado de quanto em quanto tempo o trem passava. Ela me disse algo em torno de 10 minutos. “Bom, se eu correr muito há de dar tempo”. Não tenho noção real de quanto tempo passou. Para quem está com pressa, cada minuto faz toda a diferença. O trem

chegou e lá fui eu em direção à rodoviária de Porto Alegre. Senti-me no trem em São Paulo, com a paisagem ligeiramente nublada e aquela voz bem característica ao fundo dizendo o nome das próximas estações. Quando a voz me disse “Estação Rodoviária”, saí do trem e fui em direção à saída. Só tinha três minutos e precisava correr. Quando consegui chegar, após subir uma escada imensa, acompanhada por um senhor sem nenhuma pressa que insistia em permanecer na minha frente, fui à procura do ônibus para ver se ele ainda estava me esperando por um mero acaso. Não foi o que aconteceu. Enfrentei uma fila razoavelmente grande para comprar a passagem. A moça me informou que o próximo só sairia às 17h. Liguei para Colin e o avisei sobre os horários. Ele disse que estaria na rodoviária de Taquara me aguardando.

Dá certo alívio estar sozinha em algum lugar, mas ainda assim saber que alguém está esperando por você. Na realidade, ao menos preocupado. Colin me ligou em alguns momentos da viagem e pude ter certeza que daria tudo certo. Afinal, nossas conversas haviam sido essencialmente pela internet. Foi somente nos últimos dias antes de viajar que havia trocado algumas palavras com ele pelo telefone, com o agravante de um sinal bastante fraco, que cortava as falas ao meio.

De qualquer forma minha passagem estava comprada e era só esperar que o ônibus das 17h chegasse. Fui buscar um lugar perto da plataforma de embarque. É interessante estar em um ambiente desconhecido e poder ter alguns momentos de observação. Gosto de ver as pessoas e vejo certo encanto no dia-a-dia. Mas para ser honesta, quando se trata da nossa rotina, dificilmente temos olhos atentos. Estamos tão imersos funciona-

do quase que maquinalmente que deixamos de reparar. É preciso sair da nossa própria rotina para aí sim voltar a admirar os pequenos detalhes. Era o que eu havia proposto a mim mesma.

O ônibus chegou. Durante toda a viagem fui acompanhada pela conversa bastante animada de dois meninos que sentaram atrás de mim. O que incomodaria bastante em dias normais, me fez sorrir. Os dois estavam contando em alto e bom som os planos para uma festa que iria acontecer em Taquara naquela noite. Não sei exatamente porque, mas cochilei serena, embalada por aquele sotaque cantado repleto de “tu”.

Quando cheguei à rodoviária, Colin me aguardava na porta. Alto, magro, usava um boné preto e tinha os olhos azuis cobertos pelos óculos de grau. Exatamente como havia descrito. Cumprimentamo-nos e fomos em direção ao carro. Sua esposa nos aguardava e, assim que chegamos, desceu do carro para me cumprimentar também. Marlene era baixa, corpo miúdo, os cabelos bem escuros e compridos, olhos pequeninos e bochechas rosadas; uma mulher bastante diferente do que havia criado na minha imaginação, mas encantadora.

Entramos no carro e a caminho da Colina paramos em um mercadinho, para que eu pudesse comprar algumas coisas. Logo em seguida pegamos a estrada para a tão esperada Colina do Sol. Estava escurecendo e não foi possível ver o caminho, mas pude ver algumas casas espalhadas por entre o morro. A silhueta da vegetação indicava um lugar bonito, além de já se poder ver ao longe a cidade acesa. Algumas placas apontavam o caminho em direção ao clube. Depois de ter viajado bons quilômetros de carro, avião, trem, ônibus e ter passado por alguns momentos de



*Portaria da Colina do Sol*



tensão, nós finalmente chegamos.

Fui até a portaria acertar os detalhes da minha estadia, como preencher fichas e pagar as taxas necessárias. Pude conhecer as duas moças que trabalham lá, além de ter encontrado o Tuca, ainda sem saber exatamente quem era. Só fui informada rapidamente que ele cuidava da parte do camping e que mais tarde nos veríamos no jantar de comemoração.

Entrei no carro novamente e fomos até a cabana na qual eu ficaria durante minha hospedagem. Eu e ela entramos, enquanto Colin aguardava no carro. A cabana era encantadora. Toda de madeira, tinha dois andares. Na parte de baixo, sala, cozinha e um banheiro. Na parte de cima, mais um banheiro e o quarto, com uma porta que levava a uma espécie de sacada, mas bem ampla e com uma rede para possíveis momentos de descanso, que eu já sabia que não iriam acontecer. Combinamos que nos encontraríamos dali à uma hora e meia, mais ou menos. Era o tempo de eu me acomodar, tomar um banho e me preparar para o jantar que iria comemorar os 16 anos do clube.

A primeira coisa que fiz foi tirar os sapatos, pois eu já nem sabia mais em que estado estavam meus pés. O dia todo andando de um lado para o outro, eu realmente estava exausta. Organizei minhas coisas em um lugar onde tudo ficasse à mão e fui tomar um banho para me recompor rapidamente, já que eu não tinha tempo a perder. Os dias de pesquisa foram otimizados, e todo o material que eu precisava teria que ser conseguido em apenas três noites e dois dias.

Marlene passou na minha cabana no horário combinado. Chegou de lanterna na mão, pois por não ser uma

iluminação de postes convencionais, sempre se carrega uma luz extra para auxiliar. Ela trajava roupas, pois era uma noite ligeiramente fresca. O jantar estava sendo servido na sede do clube, e havia mais ou menos umas 30 ou 40 pessoas. Colin logo veio falar comigo e gostaria que eu conhecesse um casal que passava alguns dias na Colina pela segunda vez. Foi a primeira “entrevista” da pesquisa de campo, porém feita de maneira informal. Senti que eles estavam um tanto quanto acanhados, bem como eu. Iniciar os trabalhos é um pouco difícil, em especial em um ambiente tão diferente do seu.

Logo após essa prosa, dei uma volta pelo lugar e ouço Colin me chamar, pois o jantar seria servido. Ele pediu para que eu ficasse ali do lado dele, pegou um copo de vidro e bateu com um talher, chamando a atenção de todos. Disse com seu sotaque ainda carregado da descendência inglesa que eu era uma estudante de jornalismo fazendo seu TCC sobre o Naturismo e visitando a Colina do Sol para conhecer de perto. Complementou dizendo que eu vinha de longe e que naquele dia eu havia desafiado as leis de Newton voando pela primeira vez na vida de avião! Nesse momento, vários dos presentes começaram a sorrir e a baterem palmas. Pude sentir uma energia muito boa no ar e percebi que a minha pesquisa daria bons frutos. O cardápio do dia era arroz carreteiro, feito por um dos sócios. A todo o momento ouvia alguém elogiar a comida, que aparentemente estava mesmo muito boa. Não pude fazer o mesmo, pois há alguns anos já não como nenhum tipo de carne. Agradei e fiquei nos pratos de salada.

O jantar acabou e todos fomos convidados para um pequeno “baile dançante”. Tive a oportunidade de conhecer mais algumas pessoas durante a refeição, mas estava

exausta da viagem e precisava descansar. Combinei com o Colin algumas entrevistas na parte da manhã, antes do almoço comemorativo. Naquela noite o sono foi tão pesado que não há o que recordar.

No dia seguinte pela manhã despertei com o barulho do celular. Sabia que se não tivesse nenhum estímulo, certamente dormiria a manhã toda, pois o silêncio da Colina é absoluto. Sentada na cama, olhei à minha volta e pude ver aquilo que no dia anterior não foi possível devido à escuridão. Havia mais cabanas atrás da minha, em meio às árvores bastante altas e esguias. O sol por entre elas tornava a visão ainda mais bonita. Levantei-me da cama e fui até a porta que dava acesso à enorme sacada. Foi nesse momento que eu atinei para o ato de estar mesmo em uma comunidade naturista. O meu vizinho da frente estava completamente nu carpindo o quintal em frente à sua cabana. Minha reação foi sorrir, mas não por ser uma cena engraçada. Simplesmente sorri pensando com meus próprios botões “é, aqui é mesmo um lugar diferente”.

Desci para tomar uma caneca de leite na cozinha. Nesse momento escuto Colin chegar. Eu estava atrasada! Ele disse que aguardava e sentou na sala de casa para conversarmos enquanto isso. Arrumei minhas coisas e saí para irmos ao encontro do primeiro entrevistado oficial. Quando estava fechando a cabana e indo em direção ao carro, novamente vejo um senhor de meia idade completamente nu, usando chapéu e carregando uma enxada nas costas. Dessa vez, já mais naturalmente, pensei: “já estou me acostumando a isso”.

O primeiro entrevistado foi Rafael, um senhor super simpático, com o qual já havia trocado algumas idéias e impressões na noite anterior, durante o jantar.



*Cabana onde fiquei hospedada*





*Interior da cabana*



*Interior da cabana*



Como ele mesmo confirmou em diversos momentos, um falador nato. Longe de ser uma característica negativa, para um jornalista são os melhores entrevistados. Afinal, nada mais desencantador do que um entrevistado monossilábico. Conversamos durante cerca de meia hora, quarenta minutos. Enquanto a entrevista ainda acontecia, um casal de amigos dele chegou à sua cabana, pois haviam combinado de “trocar figurinhas” sobre uma viagem que fariam em comum. Pude aproveitar para também entrevistar o casal, ambos muito simpáticos e atenciosos.

Quando acabamos, Colin me chamou para irmos até a reinauguração da piscina de pedra e depois para o almoço de aniversário. Fomos conversando durante o percurso. Foi muito bom tê-lo como “guia”, pois estávamos sempre conversando sobre alguma coisa que me despertava o pensamento.

Era um domingo de bastante sol, o céu estava claro e fazia calor. Quem diria, passar calor no Rio Grande do Sul! Todos os anos podemos ver pela televisão as geadas e temperaturas super baixas, e felizmente pude ter a sorte de ver dias bem quentes. Foi um ótimo presente meteorológico! Quando chegamos, estávamos um pouco adiantados. Ou talvez fossem os outros que estivessem ligeiramente atrasados. De qualquer forma sentamos para esperar e pudemos conversar ainda mais. Porém, antes que chegasse a hora, fui entrevistar meu vizinho de cabana, um argentino incrível chamado Eduardo. Uma das figuras mais carismáticas que conheci, apesar do jeito um pouco reservado.

Depois de algum tempo, as pessoas começaram a chegar. Enquanto na noite anterior todos estavam vestidos, exceto três ou quatro pessoas enroladas em suas

cangas, no almoço pude ver a mesma naturalidade com que as pessoas agiam, comparando-as vestidas ou não. Para algumas, na realidade, era perceptível uma naturalidade ainda maior pelo fato de estarem nus.

A primeira atividade marcada para esse dia foi a inauguração do “Jardim Florestal” da Colina do Sol. Várias árvores foram plantadas e uma placa foi colocada para marcar o lugar. Nesse momento pensei como seria interessante dali a alguns anos poder voltar e vê-las enormes. Fica a idéia de “quem sabe?!”.

Logo depois fomos para a reinauguração da piscina de pedra. Havia uma fita, desençada por alguns membros do clube, e foi oficialmente reinaugurada. Todos estavam animados, inclusive para enfrentar a água gelada. O dia estava quente, mas creio que não o bastante para enfrentar a piscina. Muitos pularam e logo em seguida já estavam buscando um lugar ao sol para se esquentarem um pouco. Nesse momento, várias pessoas vieram conversar comigo. Também havia uma curiosidade delas em saber o meu lado enquanto pesquisadora também, o porquê de ter escolhido esse tema, sendo que o Naturismo nem faz parte da minha realidade. Expliquei minhas motivações diversas vezes durante a minha estadia na Colina e em todas elas as pessoas ficaram no mínimo interessadas, para não dizer felizes, pelo que pude perceber. Em especial quando tocava no ponto da tentativa de aprofundar o sentido dessa filosofia de vida e buscar não ficar no senso comum, que foca muito na questão da sexualidade forçada, por exemplo. Acredito que todos os que ali estavam, ou minimamente a sua imensa maioria, concordam que esse não é o tipo de abordagem que deveria ser feita. E tentar tirar esse estigma que a sociedade criou para os adeptos



*Piscina de pedra*



*Jardim Florestal do Clube Naturista Colina do Sol*



*Playground*



*Sede Social do Clube*



*Cancha de bocha: primeira obra oficial da Colina do Sol*



*Lago*



*Churrasco no almoço para comemorar os 16 anos da Colina*



do Naturismo é necessário, apesar de um trabalho árduo.

Logo depois o almoço foi servido. Mais uma vez havia me esquecido que estava no Rio Grande do Sul, um dos lugares onde mais se consome carne no país e que é muito famoso por seu churrasco. Pois lá estava. Havia uma churrasqueira de mais ou menos quatro ou cinco metros, coberta por espetos de carne das mais diversas. Para ser sincera, esse era um dos dois bons motivos que me fizeram sentir uma estranha no ninho. O primeiro, já citado, era ser vegetariana em um lugar onde a carne faz parte não só do cotidiano das pessoas, como também da cultura da região. A segunda era estar vestida em meio a tantas pessoas nuas. Realmente, havia conversado com alguns moradores que me disseram sobre essa possível sensação. A única inteiramente vestida era eu. Ou seja, o diferente mudou de lado. Em nenhum momento me senti ofendida por parte das pessoas, muito longe disso. Mas certamente o fato de eu estar vestida da cabeça aos pés em um dia quente de sol, enquanto todos estavam nus e sem a menor necessidade de se vestirem, era visto por eles como “estranho”.

O almoço aconteceu em um clima bastante tranquilo. Houve um sorteio de alguns presentes para os que participaram, cantamos “parabéns a você”, com direito a bolo e tudo! Pude conversar com outros sócios, que também me contaram várias experiências de vida. Na verdade, a melhor coisa que pude trazer da Colina foi a troca de experiências. Conheci pessoas diversas, de maneira muito sincera, pude sentir. E certamente voltei com uma bagagem muito maior do que aquela que embarcou comigo no dia 8 de outubro de 2011, no aeroporto do Guarulhos, com destino à Colina do Sol.

Na tarde de domingo, após o almoço, fui até a casa de uma das pessoas que mais esperava conversar. Trocamos algumas idéias rápidas no jantar de sábado, mas fiquei bastante interessada em conhecê-la. Não sei exatamente o porquê, mas as sensações são assim. Fui sozinha, já que Colin havia ido descansar um pouco. Quando cheguei à cabana, a porta estava aberta. Chamei e logo ouvi um “pode entrar!”. Pedi licença e entrei.

Cândida é uma senhora belíssima. Cabelos escuros, lisos, um pouco maiores que a linha dos ombros. Quando soube sua idade, em algum momento de nossa conversa, não pude conter a cara de espanto. Sua aparência não condiz com a data de nascimento constada em seu Registro Geral. Talvez a Colina do Sol realmente tenha a propriedade de rejuvenescer as pessoas. É a questão que comentamos muito sobre a qualidade de vida. O quanto o contato com a natureza e a tranqüilidade que aquele lugar oferece permitem uma paz que se reflete nas pessoas, tanto por fora, na aparência, quanto por dentro, em relação à saúde.

A entrevista foi muito boa do meu ponto de vista. Dá para sentir de longe a mulher de fibra que ela é. Pudemos conversar sobre diversas coisas, e muitas delas que me fizeram parar por alguns momentos e pensar. Não apenas enquanto nossa conversa acontecia, mas naquela hora entre colocar a cabeça no travesseiro e dormir. Pude saber que não são infundadas todas as recomendações seguidas de elogios que pude ouvir quando a sugestão de entrevistá-la surgiu. Certamente vou carregar comigo esse nosso “dedo de prosa”. De qualquer forma, é melhor parar de tecer elogios. A tal imparcialidade jornalística talvez não me permita tantos.

Logo que terminamos de conversar, Cândida me



*Cândida*

levou para um rápido passeio até chegarmos à casa do meu primeiro entrevistado. Algumas coisas haviam ficado para depois, já que ele estava recebendo visitas no nosso primeiro encontro. Dessa vez poderíamos conversar mais calmamente, aproveitando todo o potencial que ele tinha na fala. Não poupava palavras para tentar explicar da melhor maneira possível todas as minhas perguntas.

Nesse dia, uma chuva muito forte caiu na Colina. Desde a parte da tarde ela já ensaiava no céu, mas foi chegar à sua cabana para ela desabar. Conversamos durante algumas horas, pois era preciso esperar a trégua da água que não parava de cair. Um dos momentos que mais ficou marcado foi quando esse senhor começou a falar sobre os filhos dele e o quanto eles são pessoas maravilhosas, as mais maravilhosas que ele conheceu na vida. Foi uma cena emocionante, que até mesmo eu não tive como segurar. Choramos os dois. Ele, por todas as razões pessoais que ele há de ter; eu, talvez porque estivesse tão longe de casa e, apesar de rodeada e ocupada todos os dias, morrendo de saudades de todos que ficaram.

A chuva não cessava e aceitei uma carona até minha cabana. Todos os equipamentos estavam em minha mochila e seria impossível conseguir esquivá-los da grande quantidade de pingos que caía. Nessa noite, depois de ter tomado um banho bem quente e me alimentado mais um dia de bisnaguinhas com requeijão e suco de uva, fiquei pensando em como seria o dia seguinte: Cândida passaria em casa pela manhã e iríamos juntas dar um passeio pela comunidade, visitar uma amiga e quem sabe arriscar minha primeira experiência naturista.

No dia seguinte acordei um pouco atrasada. O cansaço dos últimos dias estava acumulado, porque eu não me

lembrava mais como era dormir bem a essa altura das coisas. Assim que desci para tomar café, Cândida chegava à minha cabana. Pedi desculpas e ela disse que dali a meia hora estaria de volta. Fui organizar as coisas para a entrevista. Gravador, máquina fotográfica, bloco de anotações, autorização para o uso de imagens e informações. Tudo isso estava ok. Chegou a hora de me vestir, ou não, para nosso passeio. Nunca havia me preparado para sair nua. Essa não é uma prática que fazemos a priori, certo? Resolvi que iria tentar. Despi minhas roupas e fui trajando somente uma canga enrolada na cintura e uma camiseta por cima. Coloquei a mochila nas costas e fomos a caminho da minha próxima entrevista.

No meio do caminho, Cândida que até então trajava uma camiseta, tirou-a. Confesso que fiquei pensando “em qual momento eu tiro os meus trajes?”. Mas preferi esperar. Chegamos à casa da minha entrevistada. Era uma cabana muito arejada, iluminada e com janelas bem amplas. Vera é alguém muito ligada às questões de energia e nossas ligações com o cosmo. Fala com a paz de alguém que alcançou um estágio além e aprendeu a ver as coisas de outra maneira. Tive certeza que gostaria de compartilhar o momento da minha primeira experiência em uma comunidade naturista com aquelas duas pessoas, que me deixaram algumas marcas muito boas, cada uma à sua maneira.

Fizemos a entrevista, que foi bastante agradável. A voz mansa e o sotaque gaúcho dão bastante peculiaridade e leveza. Estava uma manhã bem quente. Vera propôs de tomarmos um suco para refrescar. Cândida foi até o quintal recolher algumas folhas de couve, enquanto Vera já cortava os limões e montava o liquidificador. Sentamos do



*Vera e Cândida*

lado de fora da casa, de onde era possível ter uma vista incrível.

Finalmente achei que a hora havia chego. Estava me sentindo à vontade o suficiente para conseguir me despir não apenas das roupas, mas também das minhas “armaduras invisíveis”. Tirar as roupas significava, para mim, abrir mão de toda e qualquer forma de “proteção”, no sentido de não ter como me esconder. Primeiro tirei a camiseta, com certo receio, mas ainda próxima de algo que eu considerava mais comum.

Então era hora de desenrolar a canga e finalmente estar nua por completa. Algumas pessoas dirão que ficar nua é tão natural quanto estar vestida e que não merece tantos cuidados e receios. Diversos amigos e conhecidos inclusive chegaram a me dizer isso quando contei sobre ter vivenciado essa experiência. É como grande parte dos entrevistados me narrou sobre a primeira vez que experimentaram o Naturismo. Para muitos, não houve uma sensação estranha, mas quase sempre um sentimento de terem se encontrado, de terem certeza de que pertenciam àquele lugar. Ao contrário disso, minha relação com o corpo nunca foi de maneira tão natural e espontânea. Não há rejeições, mas também não há tantas aproximações. Ele sempre esteve ali, em uma relação bem pouco escancarada e não tão bem resolvida. Daí a dificuldade e o receio que ainda existiam até aquele momento de ficar totalmente nua em um lugar estranho com pessoas que, apesar da enorme simpatia, não eram íntimas.

Se for descrever a sensação que tive em uma palavra, diria que foi estranheza. Nem a melhor nem a pior experiência da minha vida, mas certamente uma das mais diferentes. Longe de ter um sentido ruim, pelo contrário. Foi

interessantíssimo poder despertar minha própria liberdade corporal. Tanto se fala sobre isso, mas foi preciso vivê-la de uma maneira tão diferente do que eu sempre havia vivido para passar a pensá-la de outra forma, com ainda mais alguns elementos e temperos.

Nós três passamos a parte da manhã conversando muito. Ambas fizeram com que eu me sentisse muitíssimo à vontade. Com certeza ter essa experiência em um grupo maior de pessoas me deixaria menos predisposta a tentar. Por volta da hora do almoço, eu e Cândida nos despedimos de Vera e fomos rumo às nossas cabanas. Fiz todo o caminho de volta ainda nua, levando apenas a mochila nas costas. A todo momento esperava não me encontrar com ninguém, pois ainda havia vergonha. Pensava que se encontrasse algum conhecido, não disfarçaria as bochechas vermelhas, que são minhas maiores fontes de denúncia. Quando cheguei à porta da minha cabana, me despedi de Cândida e respirei aliviada, pensando “ufa! Ninguém me viu”. Mas sobre esse caso volto depois.

Tive certeza de que havia sido uma experiência, mas não uma transformação maior quando cheguei em casa e após o banho fiz questão de me vestir novamente. Talvez e muito provavelmente porque no fundo gostaria de voltar à minha zona de conforto naquele momento, por mais que eu a repudie algumas vezes. Foi reveladora, mas como estopim para um processo que vai continuar e vem se desenrolando. Mas resta descobrir meu lado naturista e se ele realmente existe, pois não estava no estágio apenas de encontrar o meu lugar, como os entrevistados disseram; antes disso, ainda preciso encontrar a mim mesma.

Naquela tarde descansei. Havia muitos dias que não dormia direito, a mente fervilhando coisas que devia, mas



*O registro da experiência*



também algumas que não mereciam atenção. Por diversos motivos, acadêmicos ou pessoais, as semanas que antecederam minha viagem foram exaustivas e um tanto quanto recheadas de emoções fortes. Se por um lado foi ótimo poder ter viajado e tido experiências tão intensas, por outro estar sozinha avivou sentimentos e sensações muito à flor da pele.

Acordei por volta das cinco da tarde. Quando olhei pela sacada, Rafael estava me procurando. Era para confirmar a carona até Porto Alegre, a qual ele havia comentado no dia anterior. Sua esposa iria chegar no dia seguinte e ele precisava buscá-la no aeroporto, tendo que viajar de qualquer forma. Ofereceu-se para levar eu e Vera, que também tinha compromissos na capital. Acertamos os horários para a viagem do dia seguinte e perguntei pelo caminho até o camping, pois faltava o último entrevistado.

Quando cheguei, não encontrei Tuca. Dei uma volta pelo camping e tirei algumas fotos do lugar, pois precisava aproveitar enquanto havia luz natural. Fui até o mercadinho e perguntei por ele. Estava em sua casa, jantando antes de pegar o turno na portaria. É ele quem passa a parte da noite lá, quando as demais funcionárias vão embora. Esperei que terminasse de comer enquanto fui registrar mais alguns espaços, pois o sol já estava bastante tímido, quase se escondendo por detrás da colina. Quando Tuca voltou, iniciamos nossa conversa. Não havia movimento na portaria e pudemos conversar sem pressa. Ao acabarmos, fomos dar uma volta pelo camping. Dava para sentir muito orgulho em todos os gestos e explicações que ele tecia sobre cada pedacinho daquele lugar. Certamente por saber muito bem o quanto de suor foi necessário para que tudo ficasse da forma como está hoje.



*Tuca*



Depois disso fui a passos largos até o lago do clube, pois queria tentar não apenas o registro fotográfico, mas a memória do meu último pôr do sol na Colina. O céu caprichou! Talvez de tanto capricho, a câmera não tenha conseguido captar quase nada. Aliás, essa é uma eterna discussão, que não se cansa de debater sobre a verdadeira objetividade da objetiva. Mas de qualquer forma, e isso me deixa em paz, a memória daquele belo pôr do sol ainda está aqui. E espero que ainda esteja por muitos anos.

Quando já estava prestes a ir embora, ainda próxima ao lago, registrando os últimos momentos do sol, encontrei por acaso o já citado e comentado Celso Rossi. Com uma aparência mais nova do que havia imaginado, estava sentado à beira da água, em uma daquelas cadeiras de plástico bem firme, com um livro e uma lata em mãos. Foi simpático e trocamos algumas falas rápidas. Disse sobre o trabalho que eu estava fazendo e ele se dispôs a ajudar caso precisasse de algo. Perguntei sobre a Praia do Pinho e Celso disse não saber como estavam as coisas por lá. Contou também que passou um tempo afastado do Naturismo, se dedicando a algumas outras coisas, mas que estava por ali. Foi uma conversa breve e informal, mas a qual não poderia deixar de contar. Afinal de contas, encontrei o nome dele em diversas fontes de pesquisa para este livro e certamente ele é um dos principais, senão o principal nome quando pesquisamos sobre o Naturismo no Brasil.

Naquela mesma noite, Colin apareceu em casa. Estava sendo convidada para um jantar especial. Desci do quarto e fomos para sua cabana. Ao abrir a porta, vi Marlene na cozinha e pude sentir aquele cheiro delicioso entrando pelas minhas narinas, como aquela clássica cena dos desenhos animados, em que a fumaça que sai da comida

traz seu “refém” voando. Havia já alguns dias que não me alimentava com algo que se pudesse chamar de “comida de verdade”. Além de todas as questões sobre a cultura alimentar do Rio Grande do Sul, acabei por não me atentar muito a isso durante minha hospedagem. De qualquer forma, o cheiro era maravilhoso.

Sentamos os dois na sala, enquanto sua esposa arrumava os últimos detalhes para o jantar. Era hora de terminarmos a entrevista que havíamos começado desde o primeiro dia. Foram várias conversas distribuídas ao longo de toda a minha hospedagem e que se encerravam ali, para que os gravadores fossem finalmente desligados. Enquanto conversávamos, mais convidados foram chegando. A primeira foi Cândida, seguida por Rafael; e por último, meu vizinho de cabana, um dos mais simpáticos e queridos que pude conhecer.

Quando terminamos a entrevista, Colin pediu para que eu desligasse o gravador. Assim o fiz. E então ouvi o que não esperava: “Pois bem, agora me diga, quem é a Mayara?”. Depois de passar três dias cutucando a vida daquelas pessoas, buscando saber cada detalhe e cada experiência, não imaginei que fosse me ver na mesma situação. Mas de maneira muito sincera tentei dizer quem eu era, ou ao menos quem eu achava que fosse. Depois daqueles dias, sentia que estava me redescobrando de novo em alguns cantos de mim mesma. Cantos que às vezes deixamos empoeirados e um tanto quanto esquecidos, mas que felizmente guardam intactos seus potenciais. Inclusive o da mudança!

E foi por falar nisso que durante nossa roda de prosa Cândida tirou da bolsa um presente para mim. Era um colar de madeira com um pingente feito também de madei-

ra e osso. O desenho era uma espécie de labirinto, bastante significativo para todo aquele momento. Não lembro exatamente quais foram as palavras que ela me disse, mas sei que havia me colocado ali no começo dele, com o alerta: “há saída”.

Conversamos sobre diversas coisas. Família, amigos, faculdade; pincelamos boas doses de política, discutimos o comunismo e mais um bocado de assuntos. E agora é hora de voltar ao assunto da minha experiência como naturista. Como havia dito, voltei para minha cabana crente de que ninguém, exceto Cândida e Vera, presenciou tal feito. Comentando sobre isso, caso que todos ficaram bastante felizes em saber, descubro que não passei tão ilesa assim como tinha imaginado. Ao dizer a todos “hoje tive minha primeira experiência naturista”, ouço meu vizinho complementar “sim, eu vi!”. Não pude disfarçar as bochechas vermelhas e o riso, apesar de muita graça, ainda assim encabulado. Foi um dos momentos mais divertidos da noite, principalmente para mim e meus pensamentos secretos de não ser vista.

Quando a boca já estava seca e o estômago começava a dar alguns avisos sonoros de que estava ali, era hora de comer. A mesa estava linda, posta com pratos e talheres milimetricamente organizados em cima da toalha verde musgo repleta de arabescos. Estávamos muito bem servidos com salada, uma cesta de torradas, molho à bolonhesa e uma incrível lasanha de legumes. Fiquei imensamente feliz por todo o carinho do convite e do preparo, pois eu era a única vegetariana ali presente e o prato principal da noite me contemplava. Foi um afago tão bom!

Brindamos com vinho, como não poderia deixar de ser, mais uma vez levando em conta a região do Brasil onde

eu estava. Comemos e conversamos, contando e ouvindo casos da vida de cada um ali presente. Quando todos já haviam terminado de comer, voltamos à sala, para tomarmos café acompanhado de pedaços de chocolate com menta, feitos por Marlene. Já estava ficando tarde quando resolvemos todos ir embora. Fui acompanhada pelo meu vizinho de cabana, que gentilmente me guiou, porque durante a noite ficava bem mais difícil para quem desconhecia o caminho.

Sentia-me bem quando cheguei à minha cabana. Fui até o banheiro, enchi a banheira com água morna e fiquei lá por muito tempo, pensando em tudo o que havia acontecido até aquele momento. A televisão estava desligada. O único barulho que eu conseguia ouvir era da água se movendo lentamente, acompanhando o ritmo da minha respiração. Realmente foi preciso muita força de vontade para que o trabalho pudesse dar certo. Estar ali representava uma grande vitória pessoal e uma superação dos próprios limites. Passei horas ali, sozinha com meus próprios pensamentos. Foi quando o sono chegou e resolvi ceder a ele. No dia seguinte precisava estar acordada logo cedo.

Um pouco antes do horário combinado, Colin e sua esposa passaram na cabana para se despedirem. Eles estavam indo até a cidade e não nos veríamos a tempo. Agradei por tudo, com certa dose de emoção. Ainda que estivesse morrendo de saudades de casa, despedidas são sempre tristes. No horário combinado o carro estacionou. Vera já estava sentada no banco de trás, enquanto Rafael vinha me ajudar com as malas. Deixei um bilhete para Colin e Marlene em cima do balcão da cozinha, avisando sobre algumas comidas que haviam ficado na geladeira e



*Eduardo*



agradecendo mais uma vez. Conferi para não me esquecer de nada e fechei a porta. Minha saga na comunidade estava encerrada. Microfones, gravadores e câmeras desligados. As malas arrumadas, as luzes desligadas, as amizades feitas, a bagagem que não se vê infinitamente maior. Sim, não havia dúvidas de que valeu a pena.

Ao sair, fui me despedir de Eduardo, meu vizinho. Tão carinhoso, disse com seu sotaque argentino que havia sido um prazer e que eu voltasse da próxima vez, quem sabe, acompanhada de um namorado. E confesso que não sei o porquê, mas posso jurar que ele disse isso algumas vezes durante minha hospedagem. Fica como possibilidade para um futuro quem sabe não tão distante.

Entramos no carro e fui me despedindo daquele belo lugar. Deixei o papel que precisava na portaria e o portão se fechou atrás de nós. Vera e Rafael ainda voltariam infinitas vezes; o sentimento deles talvez fosse saudade. O meu? Não sei bem como chamá-lo. Era uma mistura de muitas coisas. Algo entre as boas lembranças e a sensação de dever cumprido.

Durante toda a viagem, Rafael foi como uma espécie de guia. A cada lugar que passávamos e surgia alguma curiosidade, ele não tinha a menor preguiça em explicar tudo. Prova disso é que, ao chegarmos a Porto Alegre, ele deixou Vera na casa onde ficaria. Despedi-me dela, após um longo e apertado abraço. Ela, como sempre, muito carinhosa. Quando entrei no carro novamente, faltavam ainda pouco mais de duas horas para o meu vôo. Muito gentilmente, Rafael se ofereceu para me levar em um passeio breve por Porto Alegre. Isso porque havia comentado em algum momento durante meus dias na Colina que tinha conhecido apenas o aeroporto, o trem e a rodoviária, nada mais.



*Vista de Taquara de cima do morro*



*Extração de pedra ferro*

Demos uma grande “volta turística” pela cidade. Pude conhecer várias de suas partes e entender mais ou menos como a capital do Rio Grande do Sul funciona. Há belíssimas construções no centro, que em muito lembra São Paulo. Túneis, pontes, grandes avenidas, alguns parques espalhados em meio a grandes edifícios. Fomos até um dos extremos, de onde é possível ver a cidade ao fundo e o rio Guaíba dando o ar da graça. Lugares e paisagens para ficar na memória.

Quando já estava próximo do horário do meu vôo, fomos até o aeroporto. Depois de me despedir e agradecer imensamente tanta gentileza fui até o balcão despachar minha bagagem. Sentei no café que havia dentro do aeroporto, pedi um lanche e um chá gelado. Fazia calor e o sol estava bastante quente. Comi, mandei algumas mensagens avisando que dentro em breve estaria de volta, para matar as saudades e contar todas as boas novas. Meus amigos acompanharam de perto toda a saga para que o trabalho pudesse acontecer, e estavam todos tão afoitos como eu.

Fui até o portão de embarque e não demorou muito para que o avião chegasse. Ao contrário da ida, o vôo não estava lotado. O comissário sugeriu que eu me sentasse ao lado da janela, nas poltronas vazias à minha frente. Sentei-me, para que pudesse me despedir da mesma forma com que saudei ao chegar. A apreensão da decolagem não foi mais a mesma. Já sabia exatamente todos os passos que a aeronave faria até que começasse a correr a quase 900 km/h antes de tirar as rodas do solo. A viagem aconteceu sem complicações e em pouco tempo arrisquei um cochilo, logo interrompido pelo serviço de bordo, com sua mesma inflação nas alturas, literalmente.



*Vista de Porto Alegre*

Quando o comandante avisou que havíamos chegado em São Paulo, olhei pela janela do avião e vi um céu maravilhoso. Um fundo azul com nuvens em formato de bichinhos e mais parecendo algodões. Quando a aeronave pousou, parecia que tínhamos descido em meio ao apocalipse. O céu estava nublado, fazia frio e, os raios e trovões não tardaram a mostrar que estavam ali. Enquanto procurava um lugar em que pudesse ingerir alguma coisa que fosse minimamente classificada como “alimento”, a alça da minha mala estourou no meio do saguão do aeroporto. Essa é a hora de respirarmos fundo e prosseguir. Enquanto tomava sorvete, liguei para meus tios avisando que já havia chego. Não demorou muito para que meu tio fosse me buscar, em especial considerando o trânsito da capital. Durante o trajeto falei rapidamente com minha tia pelo telefone e combinamos de nos encontrar em um restaurante. Foi bom rever pessoas conhecidas de novo. Apesar de ainda não ter chegado em minha própria casa, já sentia doses de acolhimento e conforto.

Passei o resto da semana em São Paulo. Apesar de saber que a correria para a produção do trabalho toda iria começar de fato, aproveitei os dias para desanuviar um pouco a cabeça. A overdose e a exaustão não tardariam a chegar, então era me preparar para isso. Na sexta-feira à tarde entramos no carro com destino a Bauru. A marginal estava congestionada, o que fez com que demorássemos muito tempo até sair da capital. Além disso, chovia muito, o que dificultou ainda mais.

Foi por volta das nove da noite que o carro estacionou em frente à minha casa. Quando falei para minha mãe pelo interfone “é sua filha”, ela logo disse rindo “mas eu ainda tenho filha?!”. Era um abraço forte de saudades e a boa

sensação de estar em casa de novo. Quando entrei, meu pai, meu irmão, meus avós, todos lá, esperando a volta da “ovelha negra e naturista” da família. E apesar de não estar mais no Rio Grande do Sul, o cardápio também era churrasco. Mas meu lado alimentar já estava bem feliz ao ver uma enorme panela de arroz, um dos meus maiores desejos enquanto estive viajando. Não tinha idéia da falta que essa esplêndida fonte de carboidrato fazia.

Contar minhas experiências para minha família foi bom. Eles me deram todo o apoio que precisei, ouviram tudo com bastante atenção, perguntaram sobre algumas coisas. Mas família, no meu caso, é sempre família. Todos ficam um tanto quanto receosos, por ainda sentir que alguns tabus existem e persistem. Aos amigos, por outro lado, narrar o diário de viagem foi uma festa danada. Apesar das piadas sem sentido, sempre atreladas à questão da nudez, cada um deles com quem encontrava vinha perguntar, se interessava, queria saber como tinham sido todas as coisas e etapas da viagem.

O melhor de tudo talvez tenha sido isso; o fato de poder não ter acumulado experiência apenas, mas também de poder compartilhá-la. E esse foi o principal intuito desse livro. Poder conhecer de perto o Naturismo e buscar, por meio da minha humilde visão sobre ele, ir a fundo. E talvez buscar entender essa filosofia de vida de uma maneira mais complexa do que aquela que, infelizmente, não vemos nos livros.

No dia seguinte acordei com o sol já incomodando os olhos ainda fechados. Demorei um pouco para abri-los, pois ainda estava bastante destruída pelos dias todos sem sono. Olhei em direção à janela e não vi nenhum dos meus vizinhos nus fazendo alguma atividade doméstica ou

carpindo o quintal. Eu estava em casa, eu estava de volta.

A falta de esclarecimentos sobre o Naturismo faz com que as curiosidades sobre o assunto cresçam, sem que as dúvidas sejam sanadas de maneira clara e cuidadosa. Dessa forma, o Naturismo tem grande risco de tornar-se algo exótico, mas mais visto como uma espécie de aberração. Algumas abordagens tratam as áreas dedicadas não apenas ao Naturismo, como também ao Nudismo, como pequenos zoológicos onde as pessoas são uma atração a ser vista e visitada. Porém, o intuito deste livro é buscar esclarecer às pessoas que os frequentadores de tais áreas são pessoas como outras quaisquer, que apenas escolheram um estilo de vida diferente daquele estipulado como padrão pela sociedade contemporânea.